

## UM LIVRO MANUSCRITO DO SÉCULO XVIII

Renata Ferreira COSTA\*

**Resumo:** Os livros não são somente o suporte de idéias, culturas e conhecimentos, eles existem também em sua materialidade, em sua concretude, por isso dizemos que uma obra possui duas dimensões: uma referente as suas idéias, seu tema, seu conteúdo, chamada de *corpus mysticum*; outra referente a seu suporte material, chamada de *corpus mechanicum*. A Codicologia é justamente a ciência que se concentra no estudo do *corpus mechanicum* dos livros manuscritos, também chamados de códices. Concentrando-se nessa ciência, o objetivo deste trabalho é apresentar os aspectos materiais de um livro manuscrito de fins do século XVIII, intitulado *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e Todos os seus Memoráveis Sucessos desde o anno de 1531 até o presente de 1796*, de Manoel Cardoso de Abreu, como forma de entender a história do códice em toda a sua amplitude material. Tal documento, datado de 1796, é um códice pertencente ao Arquivo do Estado de São Paulo, cota E11571, que narra a história da Capitania de São Paulo, antes chamada de Capitania de São Vicente, tendo como figura central Martim Afonso de Sousa, responsável pela fundação da vila de São Vicente.

**Palavras-chave:** Manuscrito. Códice. Codicologia. Filologia. Século XVIII.

**Abstract:** The books are not only the support of ideas, cultures and knowledge, they also exist in their materiality, in their concreteness, therefore we say that a work has two dimensions: one on its ideas, its subject, its content, called *corpus mysticum* and another on the material support, called *corpus mechanicum*. The Codicology is exactly the science that focuses on the study of the *corpus mechanicum* of the manuscripts books, also known as codices. Focusing on this science, the goal is to present the substance of a manuscript book of the late 18<sup>th</sup> century, intitled *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e Todos os seus Memoráveis Sucessos desde o anno de 1531 até o presente de 1796*, of Manoel Cardoso de Abreu, as a way to understand the history of the codex in its full material extent. This document, dated 1796, is a codex belonging to the Archives of the State of São Paulo, E11571 quota, which tells the story of the Captaincy of São Paulo, formerly Captaincy of São Vicente, with the central figure Martim Afonso de Sousa, responsible for the foundation of the village of São Vicente.

**Keywords:** Manuscript. Codex. Codicology. Philology. 18<sup>th</sup> Century.

---

\* Doutoranda em Letras, área de Filologia e Língua Portuguesa da USP, sob orientação do professor doutor Heitor Megale. Bolsista FAPESP. E-mail: [renataferreiracosta@yahoo.com.br](mailto:renataferreiracosta@yahoo.com.br)

A los manuscritos, por tanto, habrá que aproximarse con conocimiento y respeto, pero no con temor, considerando que frecuentemente pueden encerrar bastante más que un texto.

*Manuel Mariana Sánchez*

O objetivo deste trabalho é apresentar os aspectos materiais de um livro manuscrito de fins do século XVIII, intitulado *Memória Histórica da Capitania de São Paulo e Todos os seus Memoráveis Sucessos desde o anno de 1531 até o presente de 1796*, de Manoel Cardoso de Abreu. Tal documento, datado de 1796, é um códice pertencente ao Arquivo do Estado de São Paulo, cota E11571, que narra a história da Capitania de São Paulo, antes chamada de Capitania de São Vicente, então constituída pelos atuais Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e parte do Rio Grande do Sul, tendo como figura central Martim Afonso de Sousa, responsável pela fundação da vila de São Vicente.

Os livros não são somente o suporte de idéias, culturas e conhecimentos, eles existem também em sua materialidade, em sua concretude, por isso dizemos que uma obra possui duas dimensões: uma referente as suas idéias, seu tema, seu conteúdo, chamada de *corpus mysticum*; outra referente a seu suporte material, chamada de *corpus mechanicum*. A Codicologia é justamente a ciência que se concentra no estudo do *corpus mechanicum* dos livros manuscritos, também chamados de códices. Esse estudo abrange, segundo Spina (1994, p. 28),

a qualidade e a preparação do pergaminho, a natureza e a origem do papel, a composição das tintas e das cores utilizadas na decoração, os mínimos detalhes da encadernação (dimensão, composição dos cadernos), modos de numeração, entrelinhamento, colunas, margens, reclamos, dimensões das letras, motivos iconográficos, a própria escritura.

Dessa forma, levando-se em conta quais foram as técnicas utilizadas para a confecção da *Memória Histórica*, como era a sua integração no universo bibliográfico de então, como era levada de um lugar a outro, qual a sua origem e a intencionalidade de consumo-leitura, como forma de situá-la no tempo e no espaço, objetivo da Codicologia, este estudo pretende entender a história do códice em toda a sua amplitude material.

As considerações aqui apresentadas resultam de nossa dissertação de mestrado, “Edição Semidiplomática de *Memória Histórica da Capitania de São Paulo*, Códice E11571 do Arquivo do Estado de São Paulo”, defendido em 2007 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

## Suporte material

O códice E11571 compõe-se de 163 fólhos escritos em frente e verso, com exceção da folha de rosto e do fólho final. Embora escritas nos dois lados, as folhas são numeradas apenas no recto, no canto superior da margem direita, apesar de essa ser uma prática que já no fim da Idade Média estava suplantada pela noção de página (MARTINS, 2001, p. 68). Sua dimensão é de 30 x 21 cm. O suporte parece ser composto de papel-de-trapo, em algodão, de coloração amarelada, quase castanha, característica adquirida com o passar do tempo devido a não utilização de corante azul na sua fabricação, como salienta Silveira (2004, p. 51). É um papel de textura fina e de ótima qualidade. As folhas de guarda, mais escuras que as folhas internas e de menor qualidade, são pouco maleáveis e quebradiças, devido provavelmente aos produtos químicos utilizados em sua restauração, fato que ocasionou a soltura da primeira guarda.

É possível encontrar nos fólhos 158 e 159 defeitos no papel. São marcas de pequenas sementes de algodão que, ao serem retiradas de onde estavam, em data posterior à da escritura do livro, foram substituídas por pedaços de papel de seda da mesma cor da folha e com o mesmo formato das ditas sementes, a que se seguiu a reconstituição das palavras anteriormente escritas, à tinta preta, o que contrasta com a tinta castanha do texto.

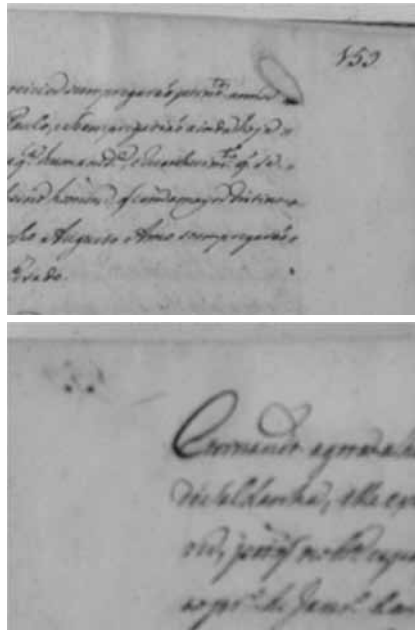


Figura 1: Marca de semente de algodão nos fólhos 159 recto e verso

O primeiro fólio escrito, que contém o título da obra, a dedicatória e o nome do autor, é um papel de coloração mais escura que os demais, colado próximo à lombada por uma fina tira de papel, além de ser escrito à tinta preta por outro punho. Além disso, apresenta um carimbo oval de cor rosada, medindo 1,4 x 2,7 cm, com a inscrição “Rosário”, que identifica, provavelmente, a casa que fez a encadernação e que colou essa folha de rosto com punho diferente do original. Outro códice do Arquivo do Estado de São Paulo, intitulado *Memória sobre o Plano de Guerra Ofensiva e Defensiva da Capitania de Mato Grosso, pelo Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra*, cota E11578, também datado de fins do século XVIII, possui carimbo similar, também na folha de rosto.



Figura 2: Carimbos com a inscrição “Rosário” nos códices E11571 e E11578, respectivamente. No centro, detalhe do carimbo no códice E11571

O códice em si está em ótimo estado de conservação, apresentando somente pequenas marcas de corrosão causadas por papirófagos, que se iniciam pequenas no fólio 102, no miolo do livro, quase ao pé, vão aumentando a partir do fólio 104, voltam a diminuir no fólio 115, até desaparecer no fólio 122, além de uma corrosão isolada, em formato arredondado, no fólio 20. Percebe-se que o códice, ao longo de todos esses anos, não foi muito manuseado, já que não apresenta marcas de deterioração características desse processo.

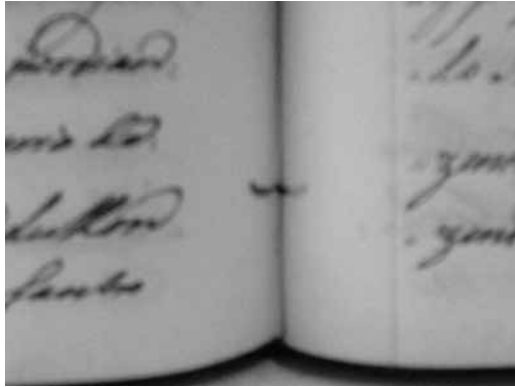


Figura 3: Marca de papirófago

As margens direita e esquerda são marcadas a lápis sempre nos fólhos rectos, e não há delimitação a lápis das margens superior e inferior. A mancha ou caixa de texto tem dimensão variável entre 29 e 29,5 cm x 13,2 e 15,5 cm, ocupadas, em média, por 26 linhas, com exceção do primeiro e do último fólho, com 15 e 20 linhas, respectivamente. Próximo ao traçado das margens esquerda e direita, há, em alguns fólhos, minúsculos piques equidistantes a fim de guiar os traços de justificação. Conforme Santos (1994, p. 41), o objeto utilizado para fazer esses piques era chamado de *punctorium*, que podia ser um compasso ou um estilete.

A finalidade de formatação da mancha da folha é proporcionar ao leitor uma melhor visualização do texto e uma fluência da leitura. Até os primeiros anos da imprensa, segundo Dias (2005), a mancha era feita de modo que “a margem superior fosse menor do que a margem inferior, pois na última linha havia o reclame, que ocupava um pequeno espaço do canto direito desta linha, acarretando um maior espaço em branco na margem inferior”. No entanto, as folhas do códice apresentam um formato de mancha mais atual, apesar de possuir reclames, já que as margens superiores e inferiores possuem o mesmo tamanho.

*Memória Histórica da Capitania de São Paulo* é uma obra manuscrita, provavelmente, em tinta ferrogálica. Esse tipo de tinta, por ser indelével, foi muito usada até o início do século XX, no entanto, com o decorrer do tempo, danifica o papel, provocando manchas e lacunas onde sua concentração é maior, devido ao excesso de sulfato de ferro utilizado em sua composição. Segundo Silveira (2004, p. 52), quanto maior a concentração de sulfato de ferro na composição da tinta, mais escura fica sua tonalidade. Porém, inicialmente preta, a tinta torna-se, com o tempo, castanho-escuro, como no códice, onde encontramos esses sinais de coloração e de corrosão.

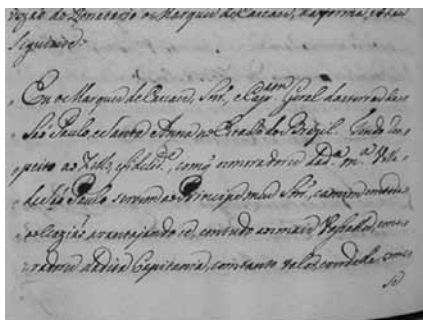


Figura 4: Marcas de manchas provocadas pelo excesso de tinta

### Marcas d'água

Os primeiros moldes europeus para a fabricação de papel eram onstruídos com arames que, “colocados juntos uns dos outros e mantidos na sua posição por arames um tanto mais pesados que os atravessam perpendicularmente, em intervalos de cerca de uma polegada” (MCMURTRIE, 1969, p. 72), deixavam na textura do papel um conjunto de linhas e um desenho representando os mais variados objetos. As linhas claras e horizontais com intervalos muito pequenos são chamadas de “vergaturas” que, segundo Melo (1926, p. 15), “deve ter sido empregada para, semelhantemente a um regado, facilitar a escrita, o que se torna mais evidente pela sua exclusão nas margens da folha”. Essas são atravessadas perpendicularmente por linhas verticais com espaços maiores entre si, os “pontusais”, destinados a oferecer união e resistência às vergaturas. Os desenhos colocados sobre a tela antes da colocação da pasta sobre a forma e facilmente visualizados no papel, quando colocado contra a luz, são chamados de marcas d'água ou filigranas, que nos permitem determinar de uma maneira mais ou menos precisa e pontual a idade e a origem da folha de papel.



Figura 5: Pontusais (linhas horizontais) e vergaturas (linhas verticais) de um fólio de guarda

A marca d'água foi uma inovação dos fabricantes de papel de Fabriano por volta de 1270, uma espécie de assinatura particular usada como medida para garantir e reivindicar seus direitos no crescente e lucrativo mercado papelheiro de então.

Há uma grande variedade de marcas d'água. Algumas identificavam o moinho de onde provinha o papel, outras eram empregadas pelos moinhos para indicar sua qualidade e tamanho. Dentre estas, a mais freqüente é a inscrição da palavra ALMASSO, representativa da padronização do formato do papel.

No códice, os fólhos de guarda possuem, em sua maioria, dez pontusais dispostos horizontalmente na folha, medindo 3,2 cm entre si, vergaturas verticais com 1 mm, e as marcas d'água de dois tipos: um brasão acompanhado da sigla “JGL” (cf. figura 6) e uma marca de difícil identificação, dispostas horizontalmente no centro do fólho, na dobradura, sendo que uma metade está em um fólho e a outra, em outro<sup>1</sup>.

Os fólhos escritos têm uma constituição diferente: seus pontusais verticais, em média oito, possuem entre si a distância de 2,8 cm, suas vergaturas horizontais, 1 mm, e a marca d'água está disposta por inteiro no centro do fólho. Nesses fólhos há dois tipos de marcas d'água: um brasão com uma águia de asas levantadas, acompanhado da inscrição “Gior Magnani” (cf. figura 7) e a inscrição “Al Masso” (cf. figura 8), que podem aparecer em nove posições diferentes, caso o papel seja colocado contra a luz a partir de seu lado recto.

Relação das marcas d'água presentes no códice:



Figura 6: Marca d'água presente nos fólhos de guarda

<sup>1</sup> Uma das marcas d'água das guardas, que está no festo dos bifólhos, traz dificuldade de identificação justamente por seu truncamento quando as metades equivalentes não foram solidárias.



Figura 7: Marca d' água presente nos fólhos internos

ALMASSO

Figura 8: Marca d' água presente nos fólhos internos

## Cadernos

Em relação aos formatos do papel, chama-se *fólio* ou *in-plano* aquele que resulta da folha não dobrada, compreendendo, em consequência, apenas duas páginas, recto e verso; *in-fólio* ou *bifólio*, resultante da folha dobrada uma vez, com quatro páginas; *in-quarto*, resultante da folha dobrada duas vezes, com oito páginas; *in-octavo*, quando a folha é dobrada três vezes e contém 16 páginas, etc. O bifólio pode assumir diversos padrões, entre eles o caderno, proveniente do latim *quaternus*, “um conjunto de quatro fólhos dobrados ao meio e colados um dentro do outro” (HOUAISS, 2001). Chama-se caderno porque sua dimensão mais corrente começou por ser a de oito fólhos de pergaminho (*quaternion*), generalizando-se depois essa designação a qualquer fascículo de uma encadernação, independentemente da sua estrutura. Os livros cujos cadernos compõem-se de dois, três, quatro ou cinco bifólhos, recebem a designação de bínios, ternos, quaternos ou quínios, respectivamente.

A composição dos cadernos do códice é de difícil precisão, já que estão extremamente unidos entre si e à lombada. Entretanto, pela disposição dos pontusais e das marcas d'água na folha é possível descobrir o formato do papel e supor a composição dos cadernos. De acordo com Melo (1926, p. 17),

(...) se os pontusais são verticais na folha e se a marca de água está ao centro da página, o livro é um infólio (...). Se os pontusais vão da esquerda para a direita sobre a página do livro e a marca de água se encontra ao meio do livro na dobradura, é um inquarto (...). Se os pontusais vão do alto a baixo e se a marca de água se encontra ao cima da página, estamos em presença dum oitavo.

A partir desse ponto de vista proposto por Melo é possível conjecturar que as folhas de guarda do códice, apresentando pontusais horizontais e marcas d'água centralizadas na dobradura, constituem um in-quarto, e as folhas internas do códice, apresentando pontusais verticais e marcas d'água centralizadas na folha, constituem in-fólios ou bifólios. Esses dados só se confirmam se imaginarmos que o artesão, quando preparava a forma para receber a pasta, manipulou simultaneamente duas filigranas na mesma forma, uma na metade direita e outra na metade esquerda.

Para garantir uma sucessão ordenada dos cadernos já escritos, que aguardavam o momento da encadernação, desenvolveu-se um sistema baseado na “assinatura”, que constitui uma sigla alfa-numérica escrita na margem superior ou inferior da primeira página de cada caderno sucessivo; na numeração, como conhecemos atualmente, e nos reclames. Reclame, reclamação, chamadeira ou palavra-guia, é “a palavra, parte de palavra ou grupo de palavras que, no final de uma página, de um fólio, ou de um caderno, duplica o início do texto da página, fólio ou caderno seguintes” (DIAS, 2006, p. 1). A maior importância dos reclames, segundo Dias (2005), encontra-se no fato de indicar a seqüência dos fólios e adiantar sua leitura, já que, possuindo um tamanho muito maior do que os que temos hoje, “os livros não eram projetados para serem objetos portáteis e, portanto, tomavam um certo tempo do leitor para virar a página e dirigir os olhos até o início do fólio seguinte, causando uma interrupção da leitura”. Os reclames podiam estar dispostos de forma horizontal, vertical ou oblíqua.

No códice, a maioria dos fólios apresenta reclames, todos horizontais, com exceção dos fólios 38v, 50v, 121v, 128v, 130v, 132v, 137v, 138v, 144v, 153v, 158v e 160v. Além do sistema de reclames, há o sistema de numeração que, como dito anteriormente, era escrita no canto superior da margem direita, sempre no fólio recto.

## Encadernação

A capa do códice, feita em cartão, uma prancha constituída de todo tipo de velhos papéis colados uns sobre os outros, coberto por um papel marrom que imita o couro, mede 31 x 21,5 cm e é decorada apenas com um enquadramento de filetes marrons. A lombada, que mede 31 x 4 cm, é arredondada e composta de cinco nervos falsos e de seis entrenervuras emoldu-

radas com filetes marrons. Conforme Martins (2001, p. 285), os livros sem nervuras, encadernados “à grega”, às vezes apareciam com nervos falsos, como os do códice, porque “certos encadernadores lhes aplicam no dorso, antes de colar o couro, pequenos pedaços de cartão, fingindo nervuras”. Na segunda entrenervura, há o sobrenome do autor e o título da obra estampado em letras maiúsculas douradas. Na última entrenervura, há uma etiqueta adesiva branca, com 3,6 x 4 cm, impressa com a cota do códice: “11571”.



Figura 9: Lombada e entrenervuras do códice E11571

Apesar de não existirem elementos concretos que indiquem que a encadernação atual não é original, alguns indícios levantam essa hipótese. Um deles é o ótimo estado de conservação em que se encontra a própria encadernação, se consideramos que o códice data de fins do século XVIII. Além disso, e o que mais pesa nessa hipótese, é o fato de, por um acaso, ter-se encontrado um outro códice no Arquivo do Estado de São Paulo, também de fins do século XVIII, cota E11578, intitulado *Memória sobre o Plano de Guerra Ofensiva e Defensiva da Capitania de Mato Grosso, pelo Tenente Coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra*, cuja encadernação é similar a do códice E11571, possuindo, inclusive, um carimbo, também similar, talvez identificador da casa que fez a encadernação (cf. figura 2). Como os festos

e as aparas dos cadernos não apresentam indícios de desgaste, como se poderia esperar caso fossem utilizados sem encadernação durante muitos anos, a hipótese é a de que havia uma primeira encadernação contemporânea da elaboração do manuscrito, que foi substituída pela atual.

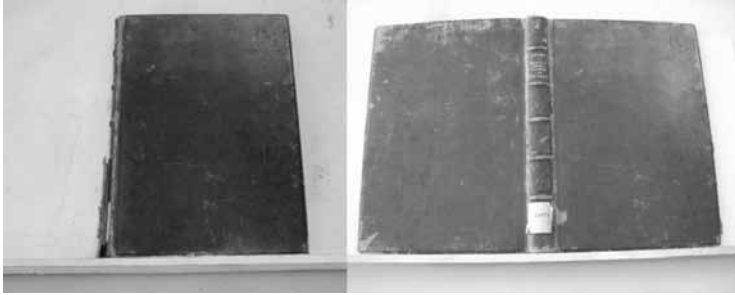


Figura 10: Capa do códice E11571

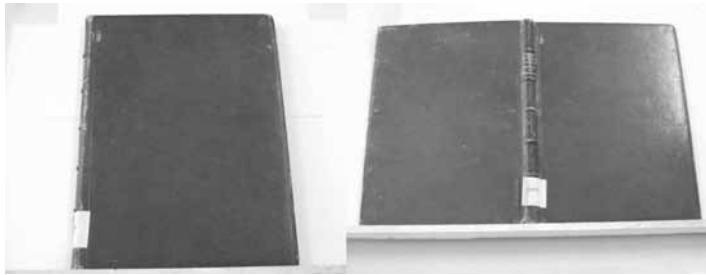


Figura 11: Capa do códice E11578

É possível observar, nas três aparas do códice, desenhos espiralados em azul, que podem ter sido feitos depois da encadernação. São cinco espirais no corte de cabeça e de pé e sete espirais no corte de dianteira. Há indícios de que as folhas, pelo menos no corte de dianteira, foram cortadas para sua adequação à encadernação, o que pode ser observado no fato de que as notas marginais que se encontram próximas a esse local trazem letras ou palavras cortadas.

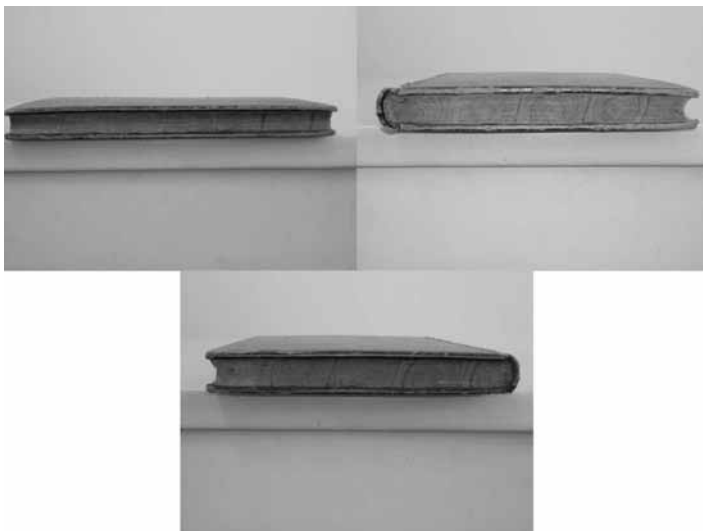


Figura 12: Aparas (goteira, cabeça e pé)

No cabeçado ou tranchefila, que tem o objetivo de prender os cadernos e dar maior consistência à capa, encontra-se, à cabeça e ao pé do códice, em meia lua, um requife ou bordadura formada com fios nas cores vermelha e branca.

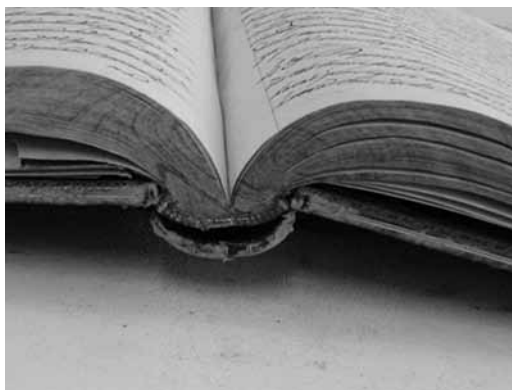


Figura 13: Lugar da tranchefila onde se encontra o requife

O interior das pastas é recoberto com as extremidades do papel que cobre a capa e adornado com motivos florais dourados. Os cantos são cortados e colados em viés. O interior é recoberto também por fôlios de guarda, três

folhas, uma de papel caracol, variedade de papel em que as cores se desenvolvem em espiral, e outras duas de papel do mesmo tom amarelado do suporte do manuscrito. Essas folhas encontram-se no início e no fim do códice. No caso das guardas iniciais, a primeira folha é dobrada em dois e colada por um lado no interior da capa e pelo outro ao papel amarelado da guarda seguinte. Nas guardas finais, as folhas amareladas vêm antes das folhas de papel caracol, de maneira que a folha lisa é colada a uma parte na de caracol que, dobrada em dois, fica com a outra parte colada no interior da capa.

Na segunda folha de guarda, no canto inferior da margem esquerda do verso, há uma pequena etiqueta adesiva, de 1,5 x 2,3 cm, com a seguinte inscrição à tinta preta clara: “a – 10/ D. n° 15/ Inv. 7 pg 12”.

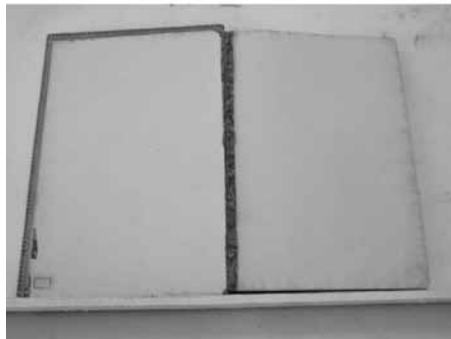
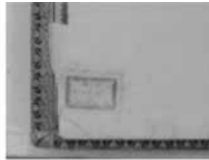


Figura 14: Detalhe da etiqueta adesiva

A cosedura, os nervos e as pastas de um livro ficam completamente tapados, entretanto, devido a uma pequena deterioração das guardas iniciais e finais em papel caracol, é possível observar três nervos entre as pastas e os fôlios.



Figura 15: Nervos da encadernação

Dentro do códice, no fólio 107 recto, há uma fitinha azul de marcação de página, de aproximadamente 29 cm x 6 mm. Esta fitinha estava ligada anteriormente à tranchefila, mas atualmente encontra-se solta.



Figura 16: Fitinha de marcação de página e detalhe da tranchefila

Assim apresenta-se a encadernação do códice E11571, uma encadernação comum, sem detalhes ostensivos, de datação posterior à escritura do códice, provavelmente do início do século XIX, produzida para proteção e melhor manuseio do texto.

### Considerações Finais

A análise do contexto material de um livro, ou seja, de seu *corpus mechanicum*, é de grande importância para um maior entendimento dos pormenores de sua história, porque, além de fornecer uma amplitude maior do próprio conteúdo do livro, da sua importância e do universo que lhe rodeia, lança sobre a história da obra elementos importantíssimos na reconstituição de elencos bibliográficos.

### Referências

DIAS, Elizangela Nivardo. A História, a Codicologia e os Reclames. In: **Histórica. Revista on-line do Arquivo Histórico do Estado de São Paulo**. São Paulo: n. 4, agosto-2005. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao04/materia01>>

\_\_\_\_\_. **Subsídios para um estudo do reclame a partir de manuscritos e impressos em português (séculos XVI a XIX)**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2006.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita: História do Livro, da Imprensa e da Biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MCMURTRIE, Douglas C. **O Livro: Impressão e Fabrico**. Tradução de Maria Luísa Saavedra Machado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e. **O Papel como Elemento de Identificação**. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1926.

SANTOS, Maria José Azevedo. **Da Visigótica à Carolina: A Escrita em Portugal de 882 a 1172**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1994.

SILVEIRA, Cláudia D. L. de A. **Edição de Textos Relativos à Defesa, Segurança e Fiscalização Portuária da Baixada Santista no Período Final do Século XVIII e Início do Século XIX**. Dissertação de mestrado.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo: 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: Crítica Textual**. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética/ Edusp, 1994.